



“Cultura, poder e educação de surdos” de Nídia Regina Limeira de Sá: o contra- discurso como proposta para o processo de ressignificação da surdez e dos surdos

Geralda Iris Oliveira¹
Marília Lima Pimentel Cotinguiba²

Resumo: O artigo propõe uma breve reflexão acerca do contra-discurso às concepções/representações sobre os surdos e da surdez presente em “Cultura, poder e educação de surdos”, proposto por Nídia Regina Limeira de Sá e a partir disso a possibilidade de ressignificação da surdez e dos surdos em todas as áreas. Para esta análise será utilizada a teoria dos estudos pós-coloniais através de seus principais intérpretes.

Palavras-chaves: Estudos pós-coloniais. Surdos. Estudos surdos.

1 Introdução

Nídia Regina Limeira de Sá, psicóloga e doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem reconhecidas obras dedicadas às pesquisas sobre a surdez e os surdos. E em sua obra “Cultura, poder e educação de surdos”, discorre sobre os fatores que influenciam e determinam a história, a cultura e a educação de surdos.

Em Cultura, poder e educação de surdos, a autora traça todo o perfil dos períodos históricos que compreende desde a idade média até o pós-modernismo e situa o sujeito e suas aspirações dentro destas concepções. O desenvolvimento da ciência na modernidade levou o sujeito a crer em uma verdade enquanto objetiva. Na pós-modernidade a verdade única deu lugar à verdade subjetiva, o que tira da ciência seu lugar de verdade absoluta.

¹ Professora doutora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

² Professora doutora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)



A autora comenta e caracteriza os momentos históricos pelos quais a humanidade passou e centraliza os estudos na pós- modernidade, procurando sempre contextualizar a surdez e os surdos nesses períodos históricos.

O referencial escolhido pela autora para embasar seu trabalho são os estudos culturais, uma vez que os mesmos utilizam o trabalho de campo etnográfico para investigar questões relacionadas às “subculturas urbanas”. Tendo este foco, os estudos surdos também se fazem presentes na obra, já que abordam investigações acerca de sujeitos surdos feitas por ouvintes sensíveis à temática e pelos próprios surdos.

São alvo de pesquisa na obra “Cultura, poder e educação de surdos”, os professores de surdos do estado do Amazonas e suas opiniões sobre a questão do poder, a questão das identidades dos surdos, a questão da cultura surda e a questão da educação de surdos. A partir desse material, a autora produz um capítulo intitulado: “A produção de significados sobre a surdez e os surdos” que permitiu à mesma elaborar um contra-discurso acerca dessas significações e representações da surdez e dos surdos.

2 Estudos pós-coloniais e o ouvintismo

Atualmente, já é lugar comum, no meio acadêmico, saber que o processo de colonização por qual passaram várias nações produziu efeitos em suas culturas. Apesar da relação de colonização se revestir em um caráter civilizatório, sabe-se que ela se perpetuou como relação desigual entre os dois polos e, mesmo após as independências de várias colônias o colonialismo, enquanto relação desigual, ainda persiste no período pós-colonial.

O termo pós-colonialismo nos remete, numa perspectiva temporal, aquilo que vem depois do colonialismo. É possível presumir, a partir dessa concepção, que o colonialismo teve um fim enquanto relação de dominação. Sabe-se, no entanto, que o fim do colonialismo não representou o fim das relações de poder discriminatórias desenvolvidas no seio das sociedades pós-coloniais. Nas palavras de Hall (2003)



[...] o “pós-colonial” não sinaliza uma simples sucessão cronológica do tipo antes/depois. O movimento que vai da colonização aos tempos pós-coloniais não implica que os problemas do colonialismo foram resolvidos ou sucedidos por uma época livre de conflitos. Ao contrário, o “pós -colonial” marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra. [...] No passado, eram articuladas como relações desiguais de poder e exploração entre as sociedades colonizadoras e as colonizadas. Atualmente, essas relações são deslocadas e reencenadas como lutas entre forças sociais [...] no interior da sociedade descolonizada, ou entre ela e o sistema global como um todo. (HALL, 2003, p.56)

Na medida em que se analisa melhor essa corrente, percebe-se que, nesse caso, o *pós* apesar de ser um *depois*, vai *além* do colonialismo, visto que as teorias pós-coloniais se fundamentam numa atividade crítica de discussão e leitura crítica do legado colonial.

O pós-colonialismo numa abordagem crítica ou na teoria literária analisa a literatura que se produziu em países que já foram colônias de outras nações, assim como países que ainda se encontram em situação colonial. A maior parte desses estudos abrange as nações que foram colônias de grandes potências como a Grã-Bretanha, França e Espanha.

Durante os anos 70, o pós-colonialismo constituiu-se como recursos críticos para análise de obras literárias. Em grande parte isso se deve ao livro “Orientalism”, de Edward Said, considerada a obra fundadora dos estudos em pós-colonialismo.

O orientalismo de que fala Said caracteriza uma maneira particular de percepção da história moderna e tem como ponto de partida o estabelecimento a priori de uma distinção binária entre Ocidente e Oriente, segundo a qual cabe àquela parte que se auto representa como Ocidente a tarefa de definir o que se entende por Oriente. O orientalismo constitui, assim, uma maneira de apreender o mundo, ao mesmo tempo em que se consolida, historicamente, a partir da produção de conhecimentos pautados por aquela distinção binária original. (COSTA, 2006, p.118)

Na obra de Said, percebe-se uma forte crítica à forma de representar o outro, no caso, uma outra região do mundo. Seria uma maneira institucionalizada de representação sempre de um ponto de vista, daquele que se diz civilizado, adiantado,



desenvolvido sobre um outro que é narrado como selvagem, atrasado, subdesenvolvido. A partir disso, o pós-colonialismo começa a ser amplamente discutido e outros autores comprometidos com a crítica ao colonialismo e com a desconstrução do seu discurso relatam e discutem suas histórias

Tendo vivenciado a experiência colonial e os processos brutais que ela impõe: a dominação, a desumanização, a realocação, a perda de identidade, a diáspora, o preconceito racial, a tortura, a banalização da vida, enfim, toda a insensatez que a natureza humana em desequilíbrio pode acionar, eles se tornam porta-vozes legítimos do pós-colonial. (PEZZODIPANE, 2013, p.89)

Considerando a experiência colonial como algo que desencadeou em alguns autores, a crítica ao colonialismo e, em decorrência desse fator houve a formação de um pensamento que delineou o pós-colonialismo, referências como Edward Said e Gayatri Spivak e Homi Bhabha são considerados fundadores dos estudos pós-coloniais. No entanto, Frantz Fanon, Albert Memmi e Aimé Césaire também figuram em vários estudos como precursores do pós-colonialismo pela maneira como empreenderam sua contundente denúncia contra o racismo e por seu evidente comprometimento com os movimentos e lutas anticoloniais. Corroborando com isso, temos em Bhabha (2005)

As perspectivas pós-coloniais emergem do testemunho colonial dos países do Terceiro Mundo e dos discursos das "minorias" dentro das divisões geopolíticas de Leste e Oeste, Norte e Sul. Elas intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma "normalidade" hegemônica ao desenvolvimento irregular e as histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos. (BHABHA, 2005, p.239)

Levando em conta esses aspectos bastante abrangentes no que se refere à concepção pós-colonialista, os mesmos são considerados suficientes para o objetivo deste trabalho que pretende trazer as discussões desenvolvidas na obra “Cultura, poder e educação de surdos” como sendo veiculadoras de uma postura que assume traços da concepção pós-colonialista.

A abordagem dada às questões que envolvem a surdez e os surdos na obra de Sá (2006) vem declarada pela ótica dos estudos surdos que segundo a autora revelam “O



problema, conseqüentemente, não é a surdez, não são os surdos, não é a língua de sinais, mas sim as representações dominantes, hegemônicas e “ouvintistas” sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos.” (SÁ, 2006, p.93).

A adjetivação “ouvintistas” provém do termo “ouvintismo” expressão utilizada primeiramente por Carlos Skliar³, e este se refere a

Um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se e narrar-se que acontecem as percepções do ser “deficiente”, do “não ser ouvinte”; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais (SKLIAR, 2013, p.15)

O *ouvintismo*, então, configura uma prática colonialista em que um grupo minoritário, no caso, os surdos, numa relação de poder desigual foram/são controlados e têm sua cultura preterida em relação à cultura dos ouvintes.

Esta prática colonialista teve suas bases na perspectiva clínico-terapêutica da surdez. Sempre se pensou o surdo como aquele que precisa ser tratado, ser curado para poder se “normalizar”, para ser como ouvintes. A cultura e a identidade dos surdos foram deixadas de lado, pois sua língua não tinha reconhecimento.

3 Estudos culturais e estudos surdos: a redefinição da surdez e dos surdos

Sabe-se que a modernidade foi um período que se delineou a partir de amplas visões filosóficas, políticas e religiosas que pretendiam explicar o mundo e apresentavam esperanças de um futuro melhor que se conseguiria através do conhecimento científico, da razão. Porém, as promessas de emancipação dos indivíduos foram desqualificadas pelos totalitarismos, pelos eventos históricos, pela dizimação de populações, etc. Já na pós-modernidade, percebe-se uma oposição a esse pensamento que se pautava em um projeto de utópico e que pretendia, através das amplas visões

³ Carlos Skliar, doutor em Fonologia e Educação Especial pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisador de assuntos relacionados à surdez e surdos.



filosóficas, políticas e religiosas, se estabelecer como verdades absolutas. Nas palavras de Sá (2006) temos

(...) a pós-modernidade surge a partir do momento em que a humanidade se dá conta de que já não é mais válido o projeto moderno de ordem, progresso e racionalidade. As crenças sólidas do passado se esvaem e, para alguns, já não há outra alternativa senão rir de tudo e de si mesmo. (SÁ, 2006, p.35)

A pós-modernidade trouxe consigo, além da negação dos discursos baseados na crença da universalidade da razão e da emancipação dos indivíduos através do progresso da ciência, uma outra forma de conceber o sujeito. Este não é mais visto apenas inserido em categorias de classe como: classe social, raça, nação, etc, e sim, segundo Sá (2006, 44), (...) a tendência é a de pensar o sujeito em sua individualidade e subjetividade, inserido em seu contexto: enfatiza-se o gênero, a língua, a cultura pessoal, enfim: a diferença.

O posicionamento pós-modernista tem proporcionado novas interpretações e outras maneiras de se compreender a vida em sociedade, uma vez que tem um olhar voltado às minorias culturais. No entanto, apesar de parecer algo positivo a autora alerta, embasada em Peter McLaren, para o perigo do “pós-modernismo lúdico” que se apresenta como algo incapaz de mudar o regime de poder instalado na sociedade que oprime tanto social como politicamente.

A crítica de Peter McLaren ao que ele chama de “pós-modernismo lúdico” leva a um pós-modernismo de resistência que, para SÁ (2006), pode servir com uma crítica intervencionista e transformadora da cultura.

Tendo como base as críticas de Peter McLaren, a autora propõe a extensão das mesmas à questão da surdez e dos surdos, pois entende que é hora de contribuir para mudar muitas das significações e práticas que a modernidade gerou. (SÁ, 2006, p.47)

A partir do entendimento da autora, os estudos culturais⁴ se mostram/mostraram o referencial teórico que possibilita a discussão a respeito das culturas minoritárias uma

⁴ O campo dos Estudos Culturais surge, de forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, *The Uses of Literacy* (1957), Richard Hoggart funda em 1964 o Centro. Ele surge ligado ao English



vez que se trata de questões referentes à cultura e às identidades surdas. Quanto a isso, Sá (2006) acrescenta

Os estudos culturais têm como objeto característico de seus estudos as formas históricas da subjetividade; em outras palavras, interessam-se pelo estudo do lado subjetivo das relações sociais. Seguindo na direção das chamadas teorias pós-modernistas, entendem que a subjetividade não é dada, é produzida. A subjetividade destaca o “quem eu sou” e o “quem nós somos” da cultura. Então, os principais objetos de análise dos estudos culturais são a subjetividade bem como as identidades individuais e coletivas. (SÁ, 2006, p.51)

A perspectiva teórica dos estudos culturais influenciou vários grupos, pois desde seu surgimento de forma organizada através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) até os dias de hoje, transformou-se em um fenômeno internacional uma vez que, de acordo com cada época foi configurando seu campo de estudo. Segundo Escosteguy (2010)

Os estudos culturais compõem, hoje, uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura “alta” ou “superior” e “baixa” ou “inferior”. (ECOSTEGUY, 2010, p.19)

A partir desses questionamentos que envolvem oposições binárias inscreve-se a situação vivenciada pelos surdos, um grupo considerado pela sociedade como “deficiente”, menor (no sentido de constituírem uma minoria linguística). Mas, que tem se movimentado em direção a afirmar a surdez *como um traço cultural através da utilização da língua de sinais como elemento significante para essa definição* (SÁ, 2006, p.63). As pesquisas que embasam essa premissa são os chamados estudos surdos que podem ser reconhecidos como ramificações dos estudos culturais visto que, também evidenciam as questões culturais, as diferenças e as relações de poder.

Department da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS.(Escosteguy)



Os estudos surdos na concepção de Carlos Skliar e reiterados por Sá (2006)

Se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político (1998b, p.5)

A compreensão da surdez como uma diferença é o que mobiliza os estudos surdos na luta contra a surdez vista como deficiência, como a experiência de uma falta. Indo na contra mão do senso comum, os surdos não se definem como deficientes auditivos eles se definem como um grupo culturalmente organizado e segundo (Wrigley, 1996) “os surdos se definem de forma cultural e linguística.”

Sobre o conceito de surdez a autora afirma que o mesmo sofre mudanças e se modifica no transcurso da história. Esse conceito se delineou por conta da tradição médico-terapêutica que classificou a surdez (leve, profunda, congênita, pré-linguística etc) e assim segundo Sá (2006)

(...) deixou de incluir a experiência da surdez e de considerar os contextos psicossociais e culturais nos quais a pessoa surda se desenvolve; é justamente destes aspectos, dentre outros, que os estudos surdos passam a se ocupar. (SÁ, 2006, p.65)

A utilização do termo “surdo” também é explicado pela autora, uma vez que ainda se repete, a expressão deficiente auditivo, desse modo, a autora se posiciona (Sá, 2006)

Não utilizo a expressão deficiente auditivo como o objetivo de ressituar o conceito da surdez, visto que esta expressão é utilizada, com preferência, no contexto médico-clínico; utilizo o termo “surdo”, pois está mais afeito ao marco sociocultural da surdez. Assim, enfatizo a diferença, e não a deficiência (...) (SÁ, 2006, p.65)

Tendo como base os estudos surdos em seu trabalho, a autora elencou quatro aspectos principais no processo de significação da surdez e dos surdos: a questão da cultura, a questão do poder, a questão das identidades e a questão da educação.



A ênfase dada por Sá a questão do poder refere-se à história dos surdos que apresenta personagens como o abade l'Épée, padre que, em Paris, começou a ter contato com os surdos que viviam à margem da sociedade, conheceu a língua utilizada por eles e, segundo consta, teoria organizado a língua de forma metódica. Diante disso, l'Épée foi considerado um herói, pois além de ter se aproximado dos surdos e reconhecido a língua de sinais deles criou a primeira escola formal para surdos. No entanto, Sá (2006) afirma

(...) na verdade, por trás de uma história na qual se glorifica o abade l'Épée e seus sucessores está o início das práticas de agrupamento de surdos em instituições, primeiramente chamadas asilos e, depois, escolas. A história da perspectiva dos benfeitores destaca pessoas e feitos, mas esconde a prática social de colocar à margem os diferentes e asilá-los.”(SÁ, 2006, p.70)

A prática de colocar os surdos em asilos ou escolas desencadeou um fator inesperado, segundo Sá (2006, p.73), o desenvolvimento da cultura e da língua dos surdos, em outras palavras: a identidade de surdo foi facilitada pelo armazenamento físico dessas pessoas.

Outro personagem marcante na história dos surdos é Alexander Graham Bell que escreveu um tratado sobre a linguagem gestual, método para instruir surdos, e que durante o Congresso de Milão, em 1880, evento em que se discutiu o tipo de educação que os surdos receberiam, votou a favor do Oralismo (método que tem na modalidade oral o paradigma a ser seguido) e contribuiu, assim, para a proibição da língua de sinais utilizada pelos surdos. Desse modo, de acordo com a autora “Antes se tentou isolar os surdos em asilos, mas isso teve um resultado inesperado. Então, a nova estratégia para produzir surdos aceitáveis foi o seu isolamento uns dos outros pela obrigatoriedade da língua oral.” (SÁ, 2006, p.74)

A abordagem oralista na educação de surdos foi sempre a mais utilizada por conta da visão clínico-terapêutica da surdez. O discurso médico reconhecidamente é detentor de poder e negou enfaticamente a língua de sinais na vida dos surdos. O que acarretou vários prejuízos à comunidade surda.



Ainda sobre os métodos utilizados na comunicação com surdos, houve o momento em que se pensou em combinar a fala com a língua de sinais surgindo a comunicação total, também chamada de português sinalizado, que conferia uma certa abertura ao uso da língua de sinais. No entanto, a mesma, logo se mostrou inadequada ao entendimento dos surdos, por se tratar de línguas de modalidades diferentes.

Atualmente, os estudos surdos têm apontado para uma outra proposta, a educação bilíngue ou bilinguismo, a qual indica a língua de sinais como primeira língua. As instituições que se propuseram a iniciar tal proposta têm relatado resultados positivos tendo em vista todo um passado de fracasso com as outras abordagens. Porém, de acordo com Sá (2006, p.83), essa proposta se apresenta incompleta, pois “embora desejável por negar a ideologia oralista dominante e por pressupor a língua de sinais como primeira língua, nada diz quanto à questão das culturas envolvidas, das identidades surdas, das lutas por poderes, saberes e territórios.”

A educação bilíngue se mostra favorável no caso das pessoas surdas, porém há a necessidade de se estar atento à questão cultural envolvida, pois os surdos constituem um grupo linguístico e culturalmente diferente, por esse motivo, então, uma postura multicultural deve ser adotada. No entendimento de Sá (2006)

O multiculturalismo do qual falo pressupõe um intercâmbio cultural no qual não apenas ouvintes e surdos interajam e mutuamente se enriqueçam, mas outras culturas sejam ressaltadas, pois a relação ouvinte-surdo não é a única categoria da análise a ser considerada (até porque, em todas as culturas certamente haverá surdos. (SÁ, 2006, p.89)

As políticas educativas direcionadas aos surdos os enquadraram em modalidades de escolarização que recomendam a sua inclusão em salas regulares ou são encaminhados às classes/escolas especiais para surdos. Porém, há um forte apelo por parte do poder oficial para que se respeite à diversidade e, então se privilegie a inclusão que, na maioria dos casos, representa mais a exclusão, já que o currículo das escolas não passa por uma adaptação com relação à cultura e a história dos sujeitos surdos para que possa responder às necessidades identitárias dos mesmos. Para SÁ (2006, p.84), “pode-



se interpretar que a ideia é manter “todos” juntos para apagar a diferença, para melhorar os índices de produtividade das escolas e para “melhorar” a relação custo-benefício.”

As classes/escolas especiais representam, atualmente, a alternativa para tentar efetivar a educação bilíngue que viabilize a língua de sinais e a língua portuguesa na modalidade escrita. No entanto, o currículo, que como adverte Nídia, carrega as marcas das relações de poder também necessita ser discutido, ser redefinido, para que se possa oportunizar uma educação bilíngue multicultural. Nesse modelo educacional as culturas envolvidas não seriam dispostas uma de cada lado como se constituíssem oposições binárias, mas segundo a autora seria uma tentativa de proclamar os surdos como grupo social que também por esta característica se organiza.

Desse modo, a cultura surda tendo seu lugar e sendo reconhecida pela escola, pela sociedade faz com que os surdos se reconheçam nesse lugar e se conscientizem de sua pertença a essa comunidade/cultura diferente, visto que muitos não formaram/construíram sua identidade surda, por conta de nascerem em famílias ouvintes, não tem o referencial de pessoas surdas para se espelhar. Corroborando com isso, temos a afirmação de Sá (2006, p.124) “As identidade (s) surda(s) de surdos não se constrói (oem) no vazio, forma(m)-se no encontro com os pares e a partir do confronto com novos ambientes discursivos”.

Os estudos surdos têm, assim, contribuído para formar pesquisadores surdos que a partir de suas investigações sobre a história dos surdos, sobre sua cultura, sobre suas identidades e, sobre a educação que julgam ser a mais adequada para sua comunidade estão vivenciando um processo sobre o qual Quadros (2006) discorre

Nesse processo, esses autores desconstruíram mitos, saberes e pensares. Vários deles passaram a olhar o outro surdo noutra dimensão, a partir da diferença, tendo a própria pesquisa como provocadora das desconstruções e construções de outros saberes. Processo de desconstrução de mitos, saberes e pensares. (QUADROS, 2006, p.10)

4 As interpretações sobre a surdez e os surdos a partir da fala dos professores



O capítulo 4 da obra “Cultura, poder e educação de surdos”, traz o resultado de uma pesquisa desenvolvida por Nídia Regina Limeira de Sá com os professores de surdos do estado do Amazonas, na qual a autora investiga, junto aos mesmos, temas fundamentais que envolvem a questão da educação, da identidade, da cultura e do poder, no que diz respeito à surdez e aos surdos. Segundo Sá (2006, p.299), foi possível constatar, a partir dos discursos analisados, que a surdez é um território de representações irregular e assimétrico em que as relações de poder operam. Alguns professores revelaram discursos que se aproximam das causas pelas quais os surdos lutam e mostraram-se sensíveis às mesmas, outros se mostraram conhecedores das recentes discussões, no entanto, em baixas proporções. Notou-se, ainda, que há um discurso hegemônico sobre a surdez e os surdos que demonstra um certo “consenso” no discurso dominante, porém não sendo interessante à minoria. Sá (2006) alerta

Em diversos discursos pode-se observar a negação da diferença pela colonização dos ouvintes sobre os surdos, negando a estes, simultaneamente, seus significados, seus saberes e seus poderes. (SÁ, 2006, p. 35)

A negação da diferença é pautada nos padrões normativos que a sociedade impõe, pois o que foge desse padrão preestabelecido é tido como “desvio”, como problema. Diante disso, as formas de representação e significação da surdez acabam interferindo na formação das identidades dos surdos. Nos discursos dos professores, percebeu-se influência da visão clínico-terapêutica da surdez, através da maneira como os surdos são chamados a se identificar como D.A. , como portador de necessidades especiais, o que contraria o desejo da comunidade que é ser identificado pela surdez, pelo uso da língua de sinais. Também foi observado nos discursos dos professores a reiterada insistência em que o surdo aprenda a falar e, de acordo com Sá (2006, p.310) “esta é uma das manifestações mais flagrantes do olhar obrigatório do “ouvintismo”.”(aprender a falar é um direito fundamental dos surdos, não uma obrigatoriedade).

Através das falas dos professores de surdos e, conseqüentemente, dos seus discursos a respeito da surdez e dos surdos foi possível analisar os discursos declarados



e os subjacentes a respeito da surdez e dos surdos. E, com base nisso, a autora pode em sua obra analisar e discutir os discursos e as práticas socioculturais que permeiam as relações de poderes e saberes existentes na sociedade e que tentam homogeneizá-la apagando as diferenças.

5 Considerações finais

Na obra “Cultura, poder e educação de surdos”, a representação da surdez e dos surdos é questionada, é confrontada, é discutida a partir dos períodos históricos denominados modernidade e pós-modernidade e à luz dos estudos culturais e estudos surdos e, também se insere na perspectiva pós-colonial, uma vez que a autora, critica a situação de opressão, de dominação a que foram/são expostos os surdos através da prática colonialista denominada “ouvintismo” e, com isso apresenta um contra-discurso ao não reconhecimento político da surdez como diferença, ao não reconhecimento da cultura surda e à tentativa de normalizar o surdo a partir da perspectiva médica corretiva. Como proposta aos discursos verificados a respeito da surdez e dos surdos, a autora aponta alternativas embasadas em novas políticas de significação e no multiculturalismo para iniciar um processo desconstrução de conceitos e ressignificação da surdez e dos surdos.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

COSTA, S. . Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, p. 117-134, 2006.



ESCOSTEGUY, A. C. D. . Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latino-americana. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu e Guacira Lopes Lauro. 1a Ed. RJ: DP&A Editora, 2006.

MACLAREN, Peter. Multiculturalismo crítico. São Paulo, Cortez, 1997.
PEZZODIPANE, Rosane Vieira. Pós-colonial: a ruptura com a história única. Simbiótica, Ufes,v.ún., n, 3p.87-97, 2013.

QUADROS, Ronice M. Estudos surdos I / Ronice Müller de Quadros (org.). – [Petrópolis, RJ] :Arara Azul, 2006.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. Cultura, poder e educação de surdos. São Paulo: Paulinas, 2006.

SAID. Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente / Edward W. Said ; tradução Tomás Rosa Bueno. - São Paulo: Companhia das Letras,1990.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____ . (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 7-32.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

WRIGLEY, Owen, The politics of deafness. Washington, Gallaudet University Press, 1996.

Culture, power and deaf education " of Nidia Regina Limeira Sa : the counter- discourse as a proposal for the reframing process of deafness and deaf

Abstract: This article proposes a brief reflection on the counter- discourse to the conceptions / representations of the deaf and deafness present in " Culture, power and deaf education " proposed by Nidia Regina Limeira de Sá and from it the possibility of reframing deafness and deaf in all areas . For this analysis will be used the theory of postcolonial studies through its main performers.

Keywords: Post- colonial studies. Deaf. Deaf studies.